

Pagando a Dívida com a Natureza

O Rio de Janeiro tem uma dívida enorme com a natureza. A cidade não conseguiria nada do que tem se não fossem a sua baía, que serviu de abrigo e porto, suas florestas que providenciaram sombra e água fresca para seus primeiros moradores, o sol e o céu mais lindos que atraíram e atraem os turistas, e, finalmente, o mar e as praias "pra essa gente bronzada mostrar seu valor", como diz o poeta. Chegou a hora de essa dívida ser paga e, em bom momento a prefeitura e o prefeito Cesar Maia divulgam o Protocolo de Intenções do Rio comprometendo-se com a luta contra o aquecimento global.

O Rio alinha-se com a vanguarda de todo o mundo na defesa do planeta ao integrar em todo o planejamento municipal, geral ou setorial, a variável mudança climática. Nesta direção, faz mudança semelhante àquela que faz o Banco Mundial ao se adaptar às novas condições do planeta.

O Banco começou a contratar especialistas em "adaptação" ao aquecimento global, atendendo às sugestões dos planejadores de áreas costeiras. Ainda que neste caso seja apenas um começo, é um sinal de que as preocupações estão adquirindo prioridade. O mundo desenvolvido dá início às precauções contra os efeitos do aquecimento: mudanças de temperatura e aumento de chuvas, alterações nas estações, elevação do nível do mar. Até agora estas questões estavam na sombra. Agora, segundo o especialista sênior do Banco em mudanças climáticas, Ian Noble, "as alterações ambientais estão aqui e agora. Nós temos que nos adaptar".

A Austrália, que está enfrentando a seca do século, também começou a se precaver. Aprovou um plano de 2,5 bilhões de dólares australianos (mais de 4 bilhões de reais) para controle e

despoluição da bacia do rio Murray-Darling, o maior sistema hídrico do país. O estado de Queensland adotou regulamentos que reduzem em 40% o consumo de água. Algumas cidades começaram a instalação de grandes tanques para captura e estocagem de águas da chuva para uso em jardins e descargas de banheiros.

No lado das inundações, oposto ao da seca, New Orleans e toda a costa do Golfo, nos Estados Unidos, começaram a tomar suas precauções. A região ainda está lutando para se recuperar dos furacões Katrina e Rita, de 2005. Estas tragédias demonstram o quanto as populações estão mal adaptadas para enfrentar as mudanças climáticas nas próximas décadas. O último rascunho do plano da Luisiana para um "litoral sustentável" contém várias medidas que são ações concretas contra a elevação do nível do mar. Paralelamente, o rio Mississippi, que drena 40% das águas e sedimentos dos Estados Unidos, devido aos futuros fluxos de marés altas, poderá afetar todos os esforços de restabelecimento das terras úmidas da Luisiana, assim como o empenho para manter a quantidade de água potável do Estado.

O Rio de Janeiro, que sofre com as intempéries de verão, que teve chuvas e inundações históricas em 1966 e 1988, inundações que causaram sérios prejuízos para toda população, se junta ao grupo das cidades, estados e países precavidos quando adota o seu protocolo de intenções. Entre os objetivos do protocolo, destacam-se a mobilização dos cariocas; o planejamento das ações de precaução; a redução das emissões; e o pleito para que a cidade sedie a Conferência das Partes (da ONU) sobre Mudança Global do Clima, em 2009.

Entre as 12 ações divulgadas pela prefeitura destacam-se o Programa de Educação Ambiental sobre o Aquecimento Global; o aumento da cobertura florestal da cidade; o estudo sobre as emissões dos gases do efeito estufa; e a criação de um grupo de trabalho para incorporar a variável mudança climática no Plano Diretor.

O Rio de Janeiro, mais uma vez, antecipa-se aos acontecimentos

e junta-se aos grupos mais avançados em todo o planeta. Reconhecemos a nossa dívida com a natureza e estamos começando a ressarcí-la.